

## Intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas: reflexões de uma pesquisa em andamento

*Architectural interventions in indigenous communities: reflections of an ongoing research*

*Intervención de arquitectura en comunidades indígenas: reflexiones de una investigación en curso*

ZANIN, Nauíra Zanardo

Arquiteta e Urbanista, MEng, Professora do curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim (UFFS), nauira@uffs.edu.br

SCOTTON, Josiane Andréia

Estudante da 9ª fase do curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, josianeascotton@gmail.com

OLDONI, Flávia Regina

Estudante da 9ª fase do curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim, flaviaregina\_oldonimsn@hotmail.com

### RESUMO

O presente artigo apresenta reflexões a partir do projeto de pesquisa intitulado “Intervenções Arquitetônicas em Comunidades Indígenas”, que objetiva, por meio de uma pesquisa exploratória, ampliar o conhecimento referente às intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas, investigando a realidade dessas comunidades no tocante à qualidade do ambiente construído e identificando soluções arquitetônicas mais adequadas ao contexto e às especificidades culturais. São apresentados os referenciais teóricos utilizados, bem como alguns aspectos da etapa de levantamento e análise de projetos arquitetônicos executados em comunidades indígenas em abrangência local, regional, nacional e continental. Como produto final do projeto será disponibilizado um documento com os casos levantados para embasar futuras consultas sobre intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Intervenções arquitetônicas; comunidades indígenas; especificidades culturais; qualidade no ambiente construído.

### ABSTRACT

*This article presents reflections arising from the research project entitled "Architectural Interventions in Indigenous Communities", which aims, from an exploratory research, to expand knowledge related to architectural interventions in indigenous communities, investigating the reality of these communities on the quality of built environment and identifying the most appropriate architectural solutions to the context and cultural specificities. The theoretical frameworks used are presented, as well as some aspects of the survey and analysis stage of architectural projects executed in indigenous communities in local, regional, national and continental scope. As a final product of the project, the objective is to provide a document with the cases raised that may support future consultations on architectural interventions in indigenous communities.*

**KEYWORDS:** architectural interventions; indigenous communities; cultural specificities; quality in the built environment.



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

## RESUMEN

*Este artículo presenta algunas reflexiones desde el proyecto de investigación titulado "Intervenciones Arquitectónicas en Comunidades Indígenas", que tiene como objetivo, desde un enfoque exploratorio, ampliar los conocimientos relacionados con las intervenciones arquitectónicas en comunidades indígenas, investigando la realidad de estas comunidades según la calidad del entorno construido y identificando las soluciones arquitectónicas más adecuadas al contexto y especificidades culturales. Se presentan los marcos teóricos utilizados, así como algunos aspectos de la fase de estudio y análisis de los proyectos arquitectónicos ejecutados en comunidades indígenas en el ámbito local, regional, nacional y continental. Como producto final del proyecto, está siendo creado un documento con los casos estudiados, que estará disponible para apoyar futuras consultas sobre intervenciones arquitectónicas en comunidades indígenas.*

**PALABRAS CLAVE:** *intervenciones arquitectónicas; comunidades indígenas; especificidades culturales; calidad en el ambiente construido.*

## INTRODUÇÃO

O presente artigo pretende apresentar as reflexões desenvolvidas até o momento por meio do projeto de pesquisa "Intervenções Arquitetônicas em Comunidades Indígenas"<sup>i</sup>, voltado à compreensão e análise dessas experiências. O projeto objetiva, a partir de uma pesquisa exploratória, ampliar o conhecimento referente às intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas, introduzindo a temática dentro do ambiente acadêmico e oportunizando uma aproximação com as comunidades do entorno da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim.

A realidade local e regional, com grande presença de agrupamentos indígenas, somado à procura da universidade por esses sujeitos, são fortes motivadores para a realização dessa pesquisa. Do ponto de vista da arquitetura, busca-se investigar a realidade dessas comunidades no tocante à qualidade do ambiente construído. A partir da identificação de soluções arquitetônicas mais adequadas aos sujeitos e suas especificidades culturais, espera-se auxiliar na reflexão crítica sobre a qualificação de futuras intervenções em comunidades indígenas.

A pesquisa teve início com uma abordagem introdutória ao tema, a partir de leituras e discussões de referenciais antropológicos e arquitetônicos que pudessem auxiliar no ferramental para a posterior análise dos casos. Dessa forma, os primeiros meses foram dedicados à preparação da equipe para a realização da pesquisa. Também foram realizados momentos de visita a campo, onde foi possível contrapor as leituras com a realidade das comunidades indígenas locais. Somado a isso, a participação em eventos voltados à temática indígena contribuiu para ampliar o conhecimento acerca das demandas locais e permitiram à equipe inteirar-se do que está sendo desenvolvido, principalmente a nível local e regional.

A partir de estudos referenciais, iniciou-se o levantamento sobre a realidade das arquiteturas inseridas em comunidades indígenas na região, no país e em outros países das Américas, buscando verificar a diversidade arquitetônica alcançada de acordo com o contexto de inserção. Essa etapa ainda está em andamento, tendo sido arrolados, até o momento, cerca de vinte projetos que poderão integrar os estudos de caso.

Na sequência, será criado um método de análise e categorização das características de cada caso a ser estudado. Pretende-se também realizar uma análise comparativa dos mesmos. Como produto final, objetiva-se chegar a um material gráfico digital, disponibilizando-o para futuras consultas sobre intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas.

### **APROXIMANDO-SE DA TEMÁTICA INDÍGENA**

Foram estudados textos introdutórios de caráter antropológico, buscando aproximar da temática indígena os bolsistas e voluntários que compõe a equipe de pesquisa. Em decorrência da temática, sentiu-se a necessidade de embasar a análise e a busca de dados partindo de estratégias de pesquisa etnográfica, como a observação. Dessa forma, inicialmente buscou-se sensibilizar o olhar e a postura da equipe para compreender e respeitar as diferentes realidades. Na sequência, foram estudados textos que abordavam também intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas.

As referências trabalhadas durante o primeiro semestre de pesquisa proporcionaram a interface entre as discussões arquitetônicas e antropológicas, como no texto “Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?”, de autoria do arquiteto e antropólogo Carlos Nelson Ferreira dos Santos (1980), que enfatiza o papel social do arquiteto junto às comunidades, a partir do qual discutimos sobre a experiência de se trabalhar com populações que vivem em favelas. No texto o autor traz à tona a responsabilidade do arquiteto em influenciar a vida das pessoas ao intervir nos espaços, enquanto que o antropólogo tem um papel mais distante.

A seguir, aproximamo-nos mais das estratégias de pesquisa etnográfica com o auxílio de Roberto Cardoso de Oliveira (2000), que trouxe esclarecimentos sobre as atividades que integram o trabalho do antropólogo, esclarecendo aspectos que interferem na pesquisa, como a relação estabelecida com o grupo, decorrente da postura do pesquisador em campo. O autor também destaca a influência de nossa análise a partir do prisma pelo qual interpretamos o que foi observado ou dialogado, indicando que a escrita sempre é condicionada pela área ou disciplina de formação do pesquisador.



## PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Essas reflexões foram aprofundadas com a leitura e discussão do livro “Relativizando: uma introdução à Antropologia Social”, de Roberto da Matta (1981). O autor descreve a pesquisa social como dinâmica e presente, revelando uma dada realidade, não sendo possível controlar os dados, repetir ou confirmar experimentos. Dessa forma, essa leitura foi fundamental para a preparação da equipe para análise dos casos selecionados, possibilitando uma avaliação consciente da qualidade do ambiente construído a partir do entendimento das especificidades culturais da comunidade para a qual a arquitetura foi pensada.

Com o auxílio do texto de Sílvio Coelho dos Santos (1975), discutiram-se os impactos que as intervenções arquitetônicas promovem dentro das comunidades indígenas, especialmente quando realizam alterações nas configurações de distribuição socioespacial. O texto retrata uma realidade da década de 70, anterior à Constituição Brasileira de 1988 (BRASIL, 1988), quando o Serviço de Proteção aos Índios (SPI) objetivava integrar as comunidades indígenas à sociedade nacional. Nesse contexto, verificam-se estratégias de controle aplicadas por meio de novas configurações espaciais das habitações inseridas em comunidades indígenas. Contudo, o mesmo tipo de mudança observa-se ainda hoje, segundo manifestado por uma liderança indígena em um dos encontros dos quais participamos. Para a equipe, fica evidente a necessidade de discutir o que vem ocorrendo nas terras indígenas a partir da inserção de equipamentos arquitetônicos, bem como a relação dos mesmos com a infraestrutura de distribuição de água e energia, que também levam a configurações que desrespeitam as formas tradicionalmente utilizadas pelos grupos indígenas.

Outro texto que nos aproximou das argumentações antropológicas foi o livro “Os Índios e Nós”, de Anthony Seeger (1980). Composto por uma coleção de artigos independentes, porém inter-relacionados, sobre aspectos importantes das sociedades indígenas, o livro objetiva estimular uma análise comparativa das sociedades humanas, possibilitando a reflexão sobre a sociedade em que nos inserimos. Os estudos desenvolvidos e relatados no livro se baseiam em 20 meses de trabalho de campo com os índios Suyá. Sobre o trabalho de campo, o autor destaca que é apenas uma parte da antropologia e que existem estágios finais tão importantes quanto, como escrever os resultados da pesquisa de campo. Para que se possa compreender o modo de vida de uma comunidade, todos os tipos de observações devem ser registrados, sejam relacionadas à cultura, à configuração espacial, às características geográficas, ao clima, entre outros.

A partir dos referenciais antropológicos e arquitetônicos, o trabalho de campo foi muito discutido pela equipe que realiza essa pesquisa, pois se trata de um contato direto com a comunidade indígena

e necessita de sensibilidade na aproximação e interação. Os textos também auxiliaram na sistematização de dados como a confecção de diários de campo, abordando as visitas realizadas, além de evidenciar o impacto de intervenções arquitetônicas na dinâmica social da comunidade.

## **REFLEXÕES ACERCA DAS INTERVENÇÕES ARQUITETÔNICAS EM COMUNIDADES INDÍGENAS**

Direcionando a pesquisa para o tema das intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas, utilizamos algumas referências com exemplos de intervenções e questionamentos acerca das novas arquiteturas inseridas nesses agrupamentos. Os textos permitiram perceber características das intervenções e dos processos de projeto de arquitetura para comunidades indígenas, bem como apreciar os diferentes resultados obtidos em cada situação. Com os exemplos estudados, pôde-se iniciar a avaliação de como tem sido o processo de projeto arquitetônico nas comunidades, permitindo analisar não somente arquitetonicamente, mas também através da antropologia, como é a relação da edificação com a cultura em questão e como a comunidade recebe a intervenção.

O contraste de soluções construtivas – a arquitetura indo contra ou a favor das relações socioculturais – é o que se pretende discutir com esse projeto de pesquisa. Para tanto se considera, inicialmente, alguns conceitos relacionados ao contato intercultural. As formas de adaptação ao meio variam de acordo com a cultura, e a arquitetura autóctone reflete as soluções encontradas para lidar com as diferentes condicionantes encontradas (clima, vegetação, topografia, etc.). Somado a isso, é necessário considerar que as culturas não são estáticas, sofrendo influências e adaptando-se a novos condicionantes. O contato intercultural é uma constante, possibilitando trocas, mudanças e inovações (VIDAL & SILVA, 1995).

Amos Rapoport (2003) discorre sobre a importância da cultura, sendo considerada o fator que define os seres humanos, determinando expressões específicas de cada grupo distinto. Isso nos dá um contraponto, a cultura nos faz humanos e nos define como grupo, mas ao mesmo tempo nos separa uns dos outros por características específicas. O autor constata o grande número de material existente que enfoca a cultura e a sua importância, mas que muito pouco é realmente feito a respeito pela dificuldade de se trabalhar com algo que é um conjunto de fenômenos humanos gerais e abstratos, que não podem ser traduzidos.

Segundo Malnar & Vodvarka (2013), as culturas representam suas crenças e valores culturais na forma construída, de modo que a arquitetura reflete simbolicamente, sensorialmente e



## PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

significativamente a cultura que representa. Contudo, infelizmente, essas preocupações raramente aparecem nas decisões arquitetônicas dos projetistas designados a trabalhar com comunidades indígenas.

Na América do Norte, por exemplo, segundo o livro *Contemporary Native American Architecture* (KRINSKY, 1996), a inserção de edificações nas reservas, como clínicas, escolas e espaços administrativos, era uma forma de civilizar os nativos, sendo parte do processo de integração à sociedade. Contudo, movimentos de afirmação cultural possibilitaram, a partir da década de 60, a construção de edificações voltadas ao fortalecimento das identidades nativas, por meio de museus, centros culturais, novas escolas e centros turísticos. Dessa forma, as novas edificações inseridas em agrupamentos indígenas auxiliaram na preservação da cultura e na manutenção dos costumes tradicionais, ao mesmo tempo em que possibilitam vivências sociais relacionadas aos espaços abertos e construídos. Ressalta-se assim a importância da preservação cultural e do desejo por parte dos nativos de manterem suas crenças e costumes.

A nova arquitetura inserida em comunidades indígenas da América do Norte apresenta melhoras significativas de qualidade e representatividade, incluindo a participação das comunidades e contando, em alguns casos, com arquitetos nativos (MALNAR & VODVARKA, 2013). Dessa forma, nas comunidades nativas desses países tem sido possível encontrar arquitetura de qualidade, que não somente está relacionada às tradições culturais e construtivas, mas que também as fortalecem.

Constatamos que são recorrentes intervenções em comunidades indígenas que desconsideram essas especificidades, ou as consideram de maneira superficial (RAPOPORT, 1983), resultando em um desenho desvinculado das características simbólico-culturais que conduzem às soluções formais tradicionais. Nesse sentido as percepções de Amos Rapoport (2003), em “*Cultura, Arquitectura y Diseño*” contribuem para exemplificar o quanto esses projetos alteram o cotidiano e as relações estabelecidas dentro do contexto de inserção, o que reforça também o objetivo desse projeto de pesquisa: avaliar a relação dessa nova arquitetura e a apropriação pela comunidade.

Carol Krinsky (1996) apresenta o relato de arquitetos que trabalham com comunidades indígenas norte-americanas, que afirmam que os nativos são os melhores clientes do ponto de vista de discutir o projeto, pois são mais abertos à criatividade e ansiosos por auxiliar com sugestões e explicações sobre sua cultura e necessidades, participando ativamente do projeto. Para conseguir as informações necessárias sobre aspectos socioculturais, essenciais para o projeto, Krinsky manifesta a necessidade de que o arquiteto trabalhe não apenas para os nativos, mas sim **com eles**, de modo que o processo

de projeto é mais alongado devido ao diálogo necessário para conhecer as especificidades de cada povo culturalmente ímpar. Aprofundando o assunto, a autora indica ainda outra publicação, com orientações básicas para arquitetos de clientes indígenas (AMERICAN, 1994).

Esse envolvimento com as comunidades é uma lição a ser aprendida pelos profissionais que atuam em comunidades indígenas no Brasil, onde a relação ainda é muito distante, o que gera insatisfação do que é produzido arquitetonicamente. Como descreve Geertz, precisamos ser receptivos às particularidades:

O que precisamos, ao que parece, não é de ideias grandiosas nem do abandono completo de ideias sintetizadoras. Precisamos é de modos de pensar que sejam receptivos às particularidades, às individualidades, às estranhezas, descontinuidades, contrastes e singularidades, receptivos ao que Charles Taylor chamou de 'diversidade profunda', uma pluralidade de maneiras de fazer parte e de ser, e que possam extrair deles – dela – um sentimento de vinculação, de uma vinculação que não é abrangente nem uniforme, primordial nem imutável, mas que, apesar disso, é real (GEERTZ, 2001, p. 196).

Por meio das leituras foi possível vislumbrar as diferentes realidades na pesquisa, uma vez que cada país, assim como cada etnia, tem formas diferentes de encontrar soluções para a concepção e construção de equipamentos arquitetônicos. Verificou-se, por exemplo, em países da América do Norte, algumas intervenções arquitetônicas que refletem processos de projeto integradores, possibilitando uma maior aproximação à cosmovisão indígena (KRINSKY, 1996). Isso permite que os projetos contenham representações simbólicas e que as novas soluções contemplem o modo de vida e a visão de mundo dos grupos nativos. Nos referenciais brasileiros, identificou-se a preocupação acerca das novas habitações inseridas em territórios indígenas a partir de programas de interesse social, que acabam realizando adaptações superficiais nos modelos e não se mostram capazes de atender as especificidades culturais, o que leva a uma baixa aceitação dos mesmos (CARVALHO, 2013).

A partir dessas constatações, iniciou-se a avaliação de como tem acontecido os processos de projeto arquitetônico em comunidades tradicionais, buscando analisar não somente de forma arquitetônica, mas também antropológica, como a edificação se relaciona com a cultura em questão e como a comunidade recebe a intervenção.

## **APROXIMAÇÃO DA REALIDADE LOCAL – VISITAS E EVENTOS**

Para os estudos de caso locais, iniciamos uma aproximação com as comunidades do entorno do Campus Erechim – UFFS onde foram realizadas observações que compõem os estudos de caso. Para

tanto, realizaram-se visitas às seguintes comunidades indígenas: TI Votouro (Aldeia Guabiroba - Toldo Guarani), em Benjamin Constant do Sul; TI Mato Preto (Tekoá Ka'aty), em Erebangó/RS; TI Nonoai (Tekoá Ka'aguy Poty e Aldeia Pinhalzinho), em Planalto/RS.

Por meio das visitas às aldeias e da participação no evento "O Grito da Floresta", realizado na Tekoá Ka'aguy Poty – Planalto em setembro de 2014, foi possível um contato mais aproximado com a realidade das comunidades da região e os processos de intervenção nas mesmas. Nesse evento, organizado pelo Conselho Estadual dos Povos Indígenas – CEPI com o objetivo de discutir a sustentabilidade indígena, representantes de várias comunidades das etnias Kaingang e Guarani falaram sobre as dificuldades de se implantar projetos que sejam condizentes com sua cultura. Alguns projetos que chegam às comunidades são extensões ou adaptações de projetos existentes, como por exemplo, o programa Minha Casa Minha Vida, por meio do Programa Nacional de Habitação Rural (CARVALHO, 2013), que não se relacionam com as necessidades e o modo de viver dessas culturas. Questiona-se, portanto, o processo de implantação dos projetos, que ocorre sem um diálogo aprofundado com a comunidade.

Durante as buscas realizadas e o desenvolvimento dos estudos de caso foi possível perceber uma grande diferença na qualidade das intervenções realizadas em outros países, especialmente com presença de arquitetos indígenas, mais abertos para a compreensão e desenvolvimento de projetos junto às comunidades. A seguir estão listadas algumas intervenções levantadas e que comporão a análise comparativa dos estudos de caso e os resultados assim obtidos.

### **PANORAMA DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS INSERIDOS EM COMUNIDADES INDÍGENAS**

Na sequência, sistematiza-se um quadro com projetos de intervenções arquitetônicas localizadas em diferentes lugares, de acordo com a proposta da pesquisa, buscando manter a almejada diversificação de tipologias e localização. A listagem de diversas intervenções e suas respectivas análises permitirá compreender de que forma foram inseridos objetos arquitetônicos em comunidades indígenas e quais relações são levadas em consideração para sua implantação no espaço. Assim entende-se a necessidade de uma caracterização funcional e formal compatível não somente com as necessidades, mas com as inter-relações socioespaciais e culturais específicas de cada comunidade. Seguindo tal pensamento, foram levantados casos em diferentes níveis de abrangência e de diferentes tipologias, buscando elencar, nesse sentido, diferentes formas de intervir. O quadro abaixo estabelece a relação de obras levantadas:



**Quadro 1: Casos levantados segundo tipologia e localização**

Tipologia	Nível de abrangência			
	Local e Regional	Nacional	América Latina	América do Norte
Instituto de Educação e Escolas	4	2	2	3
Centro cultural ou comunitário e de memória	1	2	1	4
Habitação	3	2		

Uma vez estabelecido tal levantamento, estão sendo realizados estudos de cada um dos casos, a partir dos quais será possível estabelecer um panorama acerca do tema proposto. É importante considerar, por exemplo, que grande parte das intervenções levantadas com abrangência local, regional e nacional, de uso habitacional e escolar, fazem parte de programas desenvolvidos por iniciativa governamental, sendo replicados em todo o território nacional, em alguns casos dentro e fora de comunidades indígenas, sem considerar as especificidades climáticas e locais e principalmente culturais das aldeias nas quais foram implantadas.

Um exemplo que se apresenta nesse sentido está localizado na aldeia Ventarra no município de Erebangó – RS, sendo esta comunidade formada por famílias da etnia Kaingang, onde foram executadas moradias replicadas em padrão, com implantação linear (visível na parte inferior da Figura 1), sendo que a solução de planta baixa e as características formais não consideram uma série de especificidades, ignorando a forma de apropriação espacial característica da comunidade (que também pode ser identificada na parte superior da Figura 1), em pequenos agrupamentos de casas, definidos por relações de afinidade e parentesco. É interessante relacionar essa recente intervenção com o histórico de intervenções habitacionais em agrupamentos indígenas, apresentada por diversos autores (ZANIN, 2006; CARRINHO, 2010; CARVALHO, 2013). A esse respeito, trazemos a crítica de Rapoport (1983), relativa a intervenções que desconsideram aspectos de organização espacial de grupos tradicionais, no melhor dos casos reproduzindo de maneira simplificada a forma das soluções arquitetônicas desenvolvidas pela cultura, mas esquecendo de que a configuração e uso dos espaços são decorrentes das relações sociais, que acabam se perdendo com as novas intervenções.

Da mesma forma que as moradias, são encontrados projetos de escola padrão, estabelecido por programas governamentais e pelo Fundo Nacional de Desenvolvimento da Educação (FNDE), sem uma maior aproximação com o disposto na legislação referente à educação indígena (BRASIL, 2005). Constatamos com a pesquisa que modelos de escolas que não foram projetados especificamente

para comunidades indígenas estão sendo construídos em aldeias de diferentes regiões do país, ocasionando ainda, dificuldades relativas à adaptação climática dessas edificações.

A escola Municipal Indígena de Educação Infantil Gĩr Sĩ, estabelecida em Benjamin Constant do Sul/RS, na comunidade Kaingang da Terra Indígena Votouro, também segue um projeto padrão, que pode ser observado na Figura 2:

**Figura 1: Imagem de satélite com implantação das residências na aldeia Ventarra**



Fonte: Google Earth (2015)

**Figura 2: Escola estabelecida**



Fonte: ESCOLA, 2015

No caso da escola Indígena Guaraní Yakã Porã, localizada em Garuva - Santa Catarina, segundo informações disponíveis no site da Fundação Nacional do Índio (FUNAI, 2014), percebe-se que o processo de produção da intervenção considerou as necessidades levantadas pelos moradores e, por consequência, especificidades que valorizam sua cultura. Foram realizadas oficinas para que os próprios indígenas pudessem auxiliar a desenvolver modelos de projeto que mais adequados para suas necessidades (Figura 3). Assim, o resultado final levou a uma melhor apropriação por parte da comunidade, atendendo melhor suas demandas específicas.

Considerando casos estudados na América Latina, destaca-se o exemplo da "Escuela Nueva Esperanza", localizada no Equador. Segundo informações disponibilizadas pelos arquitetos (ALBORDE, 2015), o principal objetivo do projeto era conseguir uma boa relação com o meio, com entorno existente e com a cultura da comunidade. Os arquitetos optaram por materiais naturais, como a madeira, o bambu e a palha, bem como técnicas construtivas tradicionais, possibilitando que fosse construída coletivamente, com a participação da comunidade. A solução arquitetônica resultou

em uma forma interessante, que organiza os espaços de maneira simples e considera as características culturais locais, como pode ser visto na Figura 4:

**Figura 3: Oficina para o desenvolvimento das propostas por parte da comunidade**



Fonte: FUNAI, 2014

**Figura 4: Ocupação do espaço na escola**



Fonte: ALBORDE, 2015

Outra tipologia levantada para os estudos de caso são os centros de cultura e memória em territórios indígenas. Foram localizadas poucas intervenções nesse sentido com abrangência local, sendo que alguns exemplos de grande influência foram levantados na América do Norte, realizados, em sua maioria, por iniciativa privada.

Em uma das visitas realizadas à Aldeia Pinhalzinho, inserida na Terra Indígena de Nonoai, localizada no município de Planato/RS, conhecemos o Centro Cultural Guarani e Kaingang. Segundo informações da comunidade local, a obra é proveniente de medidas compensatórias pela presença de uma rodovia que corta a terra indígena, tendo sido construída em 2002. A intenção era divulgar as culturas indígenas locais, disponibilizando espaços para venda de artesanato, realização de eventos e apresentações de canto e dança. Contudo, dificuldades de gestão do espaço estão levando à sua rápida deterioração (PIOVESAN, 2008).

O Centro Cultural é composto por cinco edificações que fazem a releitura de “ocas”, estruturadas com base de alvenaria aparente de tijolos maciços e cobertas com capim Santa Fé. No local, observa-se a falta de conexão e de tratamento do terreno entre as edificações. Mesmo em estado precário de manutenção, o que inclui goteiras na cobertura, o espaço continua sendo utilizado quando necessário, como para realizar atividades da escola, antes que essa tivesse finalizada sua ampliação, em outubro de 2014, ou para a realização de encontros indígenas, ocorridos em maio de 2015.

**Figura 5: Dificuldades de acesso entre os espaços que integram o Centro Cultural Guarani e Kaingang.**



Foto: Nauíra Z. Zanin, maio de 2015.

**Figura 6: Necessidade de manutenção da cobertura em capim do Centro Cultural Guarani e Kaingang.**



Foto: Nauíra Z. Zanin, maio de 2015.

Um estudo em âmbito nacional localiza-se na Aldeia Indígena Urbana Marçal de Souza, no município de Campo Grande/ MS. O “Memorial da Cultura Indígena” objetiva apresentar a cultura Terena, por meio de exposições, oficinas e comércio de artesanato indígena. A construção utiliza estruturas em aço e bambu tratado, coberta com palha de bacuri (MEMORIAL, 2015). Destaca-se em inserir no projeto materiais e técnicas locais e tradicionais, aproximando assim a comunidade do objeto construído (Figura 7).

No contexto norte americano pode ser destacado o “Native American Cultural Centre” (NACC) localizado na *Northen Arizona University* (NAU), nos Estados Unidos da América. Os arquitetos buscaram implementar um método de construção coletiva, no qual todos poderiam contribuir. Alunos, docentes e funcionários da NAU, bem como 22 tribos do Arizona foram convidados para participar do processo de criação do NACC, procedimento que levou cerca de dois anos para se consolidar (REDQUILL, 2015). Observando o centro cultural, é possível identificar maior emprego de tecnologia e sofisticação, em relação aos casos do Brasil. Na figura 8 observa-se que mesmo com emprego de texturas e materiais tradicionais, optou-se por assumir um desenho contemporâneo.

**Figura 7: Memorial inserido na Aldeia Marçal de Souza**



Fonte: MEMORIAL, 2015.

**Figura 8: Native American Cultural Centre**



Fonte: REDQUILL, 2015.

À medida que se utilizam os referenciais estudados para analisar as intervenções em comunidades indígenas é possível lançar um olhar crítico sobre elas e desenvolver um panorama geral, seja ele positivo ou negativo, sobre a influência e a importância da inserção dessas intervenções em diferentes contextos. Na sequência da pesquisa, serão aprofundadas as análises das intervenções, considerando especificidades culturais, a relação com as construções autóctones e preceitos de sustentabilidade no ambiente construído. As categorias de análise comparativa serão identificadas de acordo com o desenvolvimento da pesquisa, podendo contemplar o contexto cultural, espacial, ambiental, climático, a tipologia arquitetônica, a localização, etc. Contudo, o que se pretende ressaltar é onde e como estão inseridas essas construções, como são recebidas e utilizadas, buscando contemplar o processo de implantação e participação da comunidade indígena nas diversas fases do projeto. Esses fatores estão entre os diversos pontos a serem levantados e comparados, servindo de indicadores de qualidade quanto às intervenções arquitetônicas realizadas em comunidades indígenas.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A pesquisa acima descrita objetiva investigar intervenções arquitetônicas em comunidades indígenas, e, para tanto, considerou-se importante iniciá-la por uma aproximação à temática indígena e uma introdução à antropologia, de modo a preparar a equipe para desenvolver análises mais qualificadas. Dessa forma, buscou-se estimular a reflexão sobre o papel social do arquiteto e a interface dessa atuação com as estratégias de pesquisa etnográfica, por meio de referenciais que exemplificavam experiências de antropólogos e arquitetos trabalhando junto a comunidades.

Buscou-se ainda introduzir a reflexão sobre intervenções arquitetônicas que estão ocorrendo em comunidades indígenas, partindo de referências que incentivaram o desenvolvimento de um olhar crítico para diferentes aspectos que envolvem esse tipo de intervenção. Considerando os estudos realizados até o presente momento, percebe-se a importância das leituras realizadas a fim de embasar as análises, bem como a escolha dos objetos de estudo. Destaca-se sempre a importância da abordagem antropológica para reafirmar a importância de se intervir adequadamente.

Aliada às leituras realizadas, a aproximação com as comunidades locais resultante da participação em eventos voltados à temática e com a presença de grupos indígenas, fez com que surgissem novos pontos de vista e discussões dentro da equipe. Este contato e conhecimento da opinião dos indígenas permite ampliar o conhecimento sobre a realidade das comunidades e assim realizar uma avaliação

mais adequada do que vem sendo produzido em diferentes locais, auxiliando na compreensão de que forma e com que intensidade a arquitetura que vem sendo produzida nos aldeamentos pode influenciar no cotidiano e na cultura desses povos. Identifica-se que é possível chegar a um resultado positivo seguindo diferentes caminhos, mas com necessária sensibilidade para traduzir em arquitetura os desejos e necessidades das comunidades.

Como produto final da pesquisa, estamos elaborando um documento digital que apresente as obras estudadas e as análises realizadas sobre cada uma delas. Este material será disponibilizado para consulta, podendo auxiliar no estudo da temática além de contribuir para a compreensão da arquitetura desenvolvida dentro de comunidades indígenas, bem como de diferentes formas de desenvolver processos de projeto junto a comunidades tradicionais, considerando que o projeto vai muito além do arquitetônico, exigindo o conhecimento de cada cultura e sua organização socioambiental como um todo. A partir da identificação de soluções arquitetônicas mais adequadas aos sujeitos e suas especificidades culturais, espera-se auxiliar na reflexão crítica sobre a qualificação de futuras intervenções em comunidades indígenas.

## AGRADECIMENTOS

Agradecemos às demais integrantes da equipe de pesquisa, especialmente à Daniela Susin Guerra, coautora desse artigo. Agradecemos também à UFFS pela bolsa de Iniciação Científica PRO-ICT/UFFS. E, especialmente, agradecemos às comunidades indígenas que nos receberam ao longo da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ALBORDE. **Escuela Nueva Esperanza**. In: Al Borde Arquitectos. Disponível em: <<http://www.albordearq.com/cgi/wd/?pg=21>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.

AMERICAN INDIAN COUNCIL OF ARCHITECTS AND ENGINEERS. Our home: a design guide for Indian housing. Washington DC: National Endowment for the Arts, 1994.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 1988.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. SECAD. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. 2. ed. Brasília: MEC/Secad, 2005.

CARRINHO, Rosana Guedes. **Habitação de Interesse Social em aldeias indígenas: uma bordagem sobre o ambiente construído Mbyá-guarani no litoral de Santa Catarina**. 2010. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico. Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo. Florianópolis.

CARVALHO, B. M. de. Intervenções habitacionais em comunidades tradicionais: uma solução ou um problema?. **Anais: Encontros Nacionais da ANPUR 15** (2013). Disponível em:



# PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:  
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

<<http://unuhostedagem.com.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/viewFile/4530/4399>> . Acesso em: 22 mai 2014.

DA MATTA, Roberto, **Relativizando: uma introdução à Antropologia Social**, Petrópolis Vozes, 1981.

ESCOLA Municipal Indígena de Educação Infantil Gir Si. In: E M Indígena Ed Inf Gir Si. Facebook. Disponível em <<https://www.facebook.com/escolagirsi?fref=nf>>. Acesso em 31 de maio de 2015.

FUNAI. Fundação Nacional do Índio. **Funai comemora inauguração da escola indígena Guarani de Yakã Porã**. Publicado em 06 junho 2014. Disponível em: <<http://www.funai.gov.br/index.php/comunicacao/noticias/2855-funai-comemora-inauguracao-da-escola-indigena-guarani-de-yaka-pora>>. Acesso em: 18 de março de 2015.

GEERTZ, Clifford. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2001.

KRINSKY, Carol Herselle. **Contemporary Native American Architecture**: cultural regeneration and creativity. New York: Oxford University Press, 1996.

MALNAR, Joy Monice; VODVARKA, Frank. **New Architecture on Indigenous Lands**. Minneapolis: University of Minnesota, 2013.

MEMORIAL DA CULTURA INDÍGENA. Disponível em: <<http://campogrande.net/turismo/o-que-visitar/memorial-da-cultura-indigena-92.html>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.

PIOVESAN, A. **Centro cultural indígena tem utilização parcial**. Publicado em 8 de junho de 2008. In: CORREIO DO POVO. Disponível em: <<http://www.correiodopovo.com.br/jornal/A113/N252/html/12CENTRO.htm>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.

OLIVEIRA, R.C.. O trabalho do antropólogo: olhar, ouvir, escrever. In: **O trabalho do antropólogo**. 2.ed. Brasília: Paralelo 15; São Paulo : Ed. UNESP, 2000.

RAPOPORT, A. Development, Culture Change and Supportive Design. In: **HABITAT INTERNATIONAL**. Vol 7. Nº5/6. Great Britain: Pergamon Press, 1983.

RAPOPORT, A. Cultura, Arquitectura y Diseño. In: **ARQUITECTONICS**: mind, land & society. Barcelona: Edicions UPC, 2003.

REDQUILL Architecture. **Indigenous Planning Process in Action at the Native American Cultural Center**, AZ. In: Redquill Architecture: Indigenous Design + Planning. Publicado em 17 de março de 2015. Disponível em: <<http://rqarc.com/indigenous-planning-process-in-action-at-the-native-american-cultural-center-az/>>. Acesso em: 31 de maio de 2015.

SANTOS, C.N.F. dos. **Como e quando pode um arquiteto virar antropólogo?**. In: VELHO, G. (org). Rio de Janeiro, Editora Campus, 1980, p.37-57.

SANTOS, Sílvio Coelho dos. Organização e Atividades de Assistência Governamental aos Índios. In: **Educação e Sociedades Tribais**. Porto Alegre: Editora Movimento, 1975.

SEEGER, Anthony. **Os Índios e Nós**: estudos sobre sociedades tribais brasileiras. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1980.

ZANIN, N.Z. **Abrigo na natureza: construção Mbyá-Guarani, sustentabilidade e intervenções externas**. 2006. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Escola de Engenharia. Programa de Pós-Graduação em Engenharia Civil, Porto Alegre.

---

<sup>i</sup> Aprovado junto ao Edital 134/UFS/2014, coordenado pela professora Nauíra Zanardo Zanin, com a participação da bolsista Josiane Andréia Scotton e das voluntárias Flávia Regina Oldoni, Daniela Susin e Cláudia Renata Capitano, estudantes do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Fronteira Sul (UFFS).